

O papel da psicologia na equoterapia: Uma clínica extramuros

The role of psychology in equotherapy: A clinical outside walls

Amanda Fontes Silva^{†*} e Roberta Barbosa da Silva[‡]

Como citar esse artigo. Silva, AF; da Silva, RB. O papel da psicologia na equoterapia: Uma clínica extra muros. Revista Fluminense de Extensão Universitária 2017 Jul./Dez.; 07(2):08-16.

Resumo

O presente artigo objetiva abordar o papel da Psicologia na equoterapia, em consonância com a prática adotada no processo terapêutico e tratamento de diversos casos, dentre eles distúrbios psicológicos e físicos. A justificativa para a escolha deste tema se deu a partir da necessidade de explorar a eficiência do processo de tratamento e ampliar os conhecimentos acerca da equoterapia, bem como os benefícios que este proporciona aos praticantes. O método de pesquisa empreendida é de natureza qualitativa, com pesquisa do tipo bibliográfica de análise documental, que visa proporcionar um breve conhecimento histórico da equoterapia, dos benefícios mediante as patologias, da prática do psicólogo dentro desse espaço terapêutico abordando as diferentes frentes de trabalho e os públicos atendidos. Sendo assim, este estudo apresenta a importância do tratamento equoterápico, em crianças e adolescentes com necessidades especiais, através de estimulação motora, psíquica e visual.

Palavras-chave: Psicologia; Equoterapia; Tratamento.

Abstract

The present article aims to approach the role of Psychology in equine therapy, in consonance with the practice adopted in the therapeutic process and treatment of several cases, among them Psychological and physical disorders. The justification for choosing this theme came from the need to explore the efficiency of the treatment process and to increase the knowledge about equine therapy, as well as the benefits it provides to practitioners. The research method used is qualitative in nature, with a research of the bibliographic type of documentary analysis, aiming to provide a brief historical knowledge of equine therapy, of the benefits through the pathologies, the practice of the psychologist within this therapeutic space addressing the different work fronts and the public attended. Thus, this study presents the importance of equinetherapy treatment in children and adolescents with special needs through motor, psychic and visual stimulation.

Keywords: Psychology; Equinetherapy; Treatment.

Introdução

Na contemporaneidade nos deparamos com vários métodos para se trabalhar com pessoas que apresentam necessidades especiais. Dentre estes encontramos a Equoterapia, que vem proporcionando inúmeros progressos aos seus praticantes, tornando-se assim uma alternativa de tratamento terapêutico, diferente das estruturas convencionais dos clássicos consultórios e clínicas.

Sendo assim, a escolha do tema se deu pelo interesse em estudar a prática do psicólogo no espaço da equoterapia, a fim de desmistificar sua atuação e proporcionar um maior conhecimento sobre a conduta

destes profissionais neste setor, o que possibilita a saída da clínica intramuros, ou seja um trabalho entre quatro paredes, para uma clínica extramuros, para além dos consultórios.

O presente artigo é fruto da prática realizada no projeto de extensão em Equoterapia da Universidade Severino Sombra e tem como principal objetivo apresentar, de modo breve, os benefícios gerados por esta modalidade de tratamento aos seus praticantes, em especial, crianças diagnosticadas com autismo. Desta forma, através da articulação de levantamento bibliográfico e observações práticas em estágio supervisionado, esta pesquisa tem a pretensão de demonstrar os efeitos da equoterapia na vida de seus praticantes.

Afiliação dos autores: † Psicóloga formada pela Universidade Severino Sombra, Vassouras-RJ/ Brasil.

‡ Professora Assistente II, Universidade Severino Sombra, Vassouras-RJ/Brasil.

* E-mail para correspondência: amandasilva29@gmail.com

Baseada em pesquisas bibliográficas, apresentaremos uma breve descrição cronológica do desenvolvimento gradativo do método utilizado, que possibilita o acompanhamento das contribuições diretas ou indiretas de alguns pensadores e estudiosos na história da equoterapia. Pode-se dizer que na atualidade, o bom funcionamento do método se dá por consequência de investimentos passados nesse processo no cenário mundial.

Discutiremos sobre a possibilidade de ampliação na atuação do psicólogo nesse espaço, partindo da proposta de construção da clínica ampliada, a fim de transformar a atuação individual para uma atuação coletiva, visando à singularidade de cada sujeito, proporcionando reabilitação, inserção e promoção de saúde aos praticantes, ou seja, um desenvolvimento biopsicossocial.

Metodologia

O presente artigo parte da experiência retrospectiva de estagiária do curso de psicologia associado à revisão da literatura pertinente.

O Centro de Equoterapia em parceria ao projeto de extensão da Universidade Severino Sombra tem sua prática realizada na Fazenda Experimental, Sítio do Barreiro, propriedade da Universidade Severino Sombra, localizada em Vassouras/RJ, Brasil.

Atualmente, o trabalho é realizado por equipe multiprofissional e acadêmicos, dando oportunidade de estágio específico aos graduandos/pesquisadores de determinados cursos.

No ano de 2015, um dos objetivos gerais do projeto de extensão da Universidade Severino Sombra era transformar-se em um Centro de equoterapia cadastrado e vinculado a ANDE-Brasil, além de ser um centro de referência equoterápico no estado do Rio de Janeiro, em atendimento, pesquisa e extensão. No ano de 2016 esse objetivo foi alcançado, o cadastramento e reconhecimento pela ANDE - Brasil foi o marco primordial, em prol do crescimento e desenvolvimento do projeto.

O ambiente onde são realizadas as atividades é totalmente favorável. O espaço em questão, conta com cobertura, conhecido como picadeiro, onde encontra-se objetos de estimulação como formas geométricas, cones coloridos, bolinhas, bambolês e argolas, além disso, o solo é composto de areia que constitui um requisito para a realização da prática. Outro espaço utilizado pela Equoterapia é a sala de estimulação, onde é possível a realização das atividades pré ou pós-montaria, esse espaço também é utilizado para realizar acolhimento aos pais para uma escuta individualizada, além de uma ampla área externa que o sítio oferece.

O Centro atende crianças, adolescentes e adultos e também oferece um suporte aos familiares e/ou acompanhantes dos praticantes. Atualmente encontra-se com um total de 23 praticantes, sendo 12 crianças, 10 adolescentes e 1 adulto, diagnosticados com diferentes patologias.

Através da experiência como estagiária durante aproximadamente um ano e meio no centro de equoterapia foi possível perceber que houve um crescimento no âmbito profissional e pessoal. E destacando-se a comprovação prática e de relatos teóricos realizados através de pesquisas bibliográficas, torna-se evidente a eficácia da prática da equoterapia como recurso terapêutico na reabilitação de praticantes com necessidades especiais.

Resultados

A equoterapia como modalidade terapêutica, permite ao psicólogo vivenciar inúmeras experiências em um único campo de trabalho. Para além da questão psicoterápica, de modo geral, a atuação dos profissionais engloba acompanhar, analisar e avaliar: praticantes, cuidadores e/ou familiares, isto dentro de um contexto interdisciplinar de trabalho, já que a composição da equipe abrange profissionais de outras áreas de conhecimento e não só a psicologia. É válido salientar que o grande diferencial neste método terapêutico é o contato com o cavalo e o ambiente de trabalho diferenciado da clínica comum.

A partir da revisão de literatura percebeu-se que as contribuições advindas dos pesquisadores remontam a dados históricos significantes. Hipócrates (458-370 a.C.), é considerado o pai da medicina, e dentro de sua obra “livro das dietas”, enunciou que a equitação tonificava os músculos e era totalmente eficaz no tratamento da insônia. Ainda no âmbito da medicina temos o médico Asclepiades da Prússia (124-40 a.C.) considerado um dos primeiros a utilizar o cavalo para o tratamento de patologias e até mesmo paralisias. O cientista Galeno, por volta do final Idade Média (130-199 d.C.), recomendou que o Imperador Marco Aurélio praticasse atividade equestre como forma de estimular a mente, exercitar o corpo e os sentidos.¹

Durante a Idade Média, os árabes (Séculos V a XI) fizeram inúmeras referências ao cavalo e aos benefícios da equitação. Aprofundando-se um pouco mais, Cesare Borgia (Século XIV) afirmava que quem desejasse conservar uma boa forma física, deveria cavalgar. Já em 1569 Mercurialis seguindo o mesmo pensamento, escreve em “Da arte dymnastica” que a equitação exercita o corpo e os sentidos.²

As contribuições desses autores enfatizam que a cavalgada associada a atividades de equitação exige a utilização de todo o corpo, onde os movimentos e essas

atividades contribuem no desenvolvimento da mente e do corpo, como: musculatura, relaxamento, conscientização do corpo, conscientização espacial, aperfeiçoamento da coordenação motora, postura e equilíbrio. Partindo deste pressuposto, a equitação fornece benefícios às pessoas com necessidades especiais constituindo-se um tratamento favorável a diversas patologias, além de ser um grande aliado ao psiquismo; a prática beneficia o corpo humano e a regeneração da saúde.

Thomas Sydenham (1624-1689), médico e capitão da cavalaria durante a guerra civil, em sua obra “*Observationes Medical*” (1676), afirma o pensamento exposto no parágrafo anterior e indica a equitação como tratamento para tuberculose, cólicas biliares e flatulências, afirmando que a equitação era a melhor forma para fortificar o sangue e reanimar a mente, principalmente a equitação diária, inclusive emprestava seus cavalos para pacientes sem recursos.¹

Seguindo nosso estudo, por volta do ano de 1747 nos deparamos com Samuel T. Quelmalz. Na escrita de sua obra “A saúde através da equitação”, faz a primeira referência ao movimento tridimensional realizado pelo cavalo, isto é, aos diferentes deslocamentos (para frente e para trás; para cima e para baixo e para os lados) que, ao caminhar, proporcionam ao paciente uma variada gama de estímulos sensoriais.^{2,3}

A equoterapia teve sua história marcada por inúmeros acontecimentos, dentre eles a utilização do método dentro de unidades hospitalares.

Na Inglaterra o Hospital Ortopédico de Oswentry, em 1901, foi a primeira unidade que realizou o trabalho com Equoterapia. Logo a seguir, no ano de 1917, o Hospital Universitário de Oxford funda o primeiro grupo de Equoterapia no mundo, onde realizou atendimentos aos feridos da Primeira Guerra Mundial.¹

Por volta de 1930, os países anglo-saxônicos e os escandinavos contribuíram sendo os primeiros a proverem o desenvolvimento de estudos sobre a equitação.⁴

Segundo Ferrari, para Killilea (1963), a prática inicia-se na França de maneira empírica, com a narrativa de uma jovem deficiente reeducada com a equitação e natação, história essa contada em seu livro “De Karen com amor”. Ainda na França, em 1965, o método teve um avanço significativo nas pesquisas, visto que a equoterapia tornava-se matéria didática universitária, inicialmente implantada na Universidade Salpêtrier. Neste mesmo ano, Renée de Lubersace e Hubert Lallery, criaram o manual: “Reeducação Equestre”, esclarecendo as possibilidades dos deficientes em recuperar e valorizar as potencialidades.¹

Contribuindo para a formação do processo histórico em 1969, na cidade de Paris, no Centro hospitalar universitário, foi publicado o primeiro trabalho científico de reeducação equestre.⁵

Em 1972, em Val de Marne, na universidade de

Paris foi defendida a primeira tese de doutorado de medicina sobre a equoterapia. E, em 1974, foi realizado o primeiro Congresso Internacional RPE (Reeducação pela equitação). Em Balê (1978), um grupo de médicos e fisioterapeutas criou a organização Suíça para equoterapia. A seguir, em 1985, na província de Milão ocorreu o V Congresso Internacional, onde fora fundada uma organização denominada *Riding International for the Disabled* (RDI).

Ainda neste contexto, não se pode deixar de registrar o interesse de um grupo de brasileiros na equoterapia, que foram à Europa com o objetivo de aprofundarem os estudos sobre o assunto, no ano de 1988.¹

No dia 10 de maio de 1989, foi fundada a Associação Nacional de Equoterapia no Brasil (ANDE-BRASIL), pelo presidente Sr. Coronel Lélío de Castro Cirillo. No entanto, a equoterapia passa a ser designada como método científico-terapêutico, pelo Conselho Federal de Medicina no ano de 1997.¹ A partir deste período os avanços da utilização da equoterapia como método terapêutico foram gradativos.

No ano seguinte, 1998 ocorreu a fundação da Associação de Equoterapia Paulista. E o primeiro Congresso Brasileiro de Equoterapia aconteceu em Brasília no dia 18 de novembro de 1999.⁶

Considera-se que as contribuições passadas foram um marco para os possíveis desenvolvimentos atuais, não só no Brasil, mas em todo o cenário mundial.

Atualmente, essa terapia vem ganhando forças, principalmente, no território brasileiro, onde se pode notar uma crescente fundação de centros equoterápicos. No entanto, vale ressaltar que este método terapêutico encontra-se em pleno desenvolvimento, que apesar da criação de novos centros, ainda depara-se com inúmeros fatores que precisam ser levados em consideração, como: profissionais qualificados, ambiente e estrutura adequada, materiais para a realização do trabalho, cavalos apropriados e treinados, dentre outros fatores que são indispensáveis quando refere-se a reabilitação de pacientes com necessidades especiais indicados para esta modalidade terapêutica.

Os animais de modo geral apresentam características que podem despertar no sujeito o desejo de aproximação, curiosidade e aceitação. Essas características podem ser atreladas a simplicidade, a respiração, a conduta, os passos (a marcha), textura da pele, a percepção, essas e outros fatores podem proporcionar uma perfeita interação entre os animais e os seres humanos.⁷

Na equoterapia o cavalo funciona como um facilitador, constituindo-se um instrumento na promoção de saúde, onde podemos dizer que essa aproximação favorece o desenvolvimento do sujeito com alguma patologia. É um método totalmente terapêutico que busca acima de tudo o desenvolvimento biopsicossocial

de praticantes com necessidades especiais.

Equoterapia como recurso terapêutico: reabilitação física e psicológica aos praticantes

A equoterapia como recurso terapêutico foi recentemente implantada no Brasil, iniciou-se aproximadamente em 1989, com surgimento da ANDE-BRASIL (Associação Nacional de Equoterapia no Brasil) esse método vem se desenvolvendo, ao longo dos últimos anos, consideravelmente em aspectos práticos, teóricos, científicos e éticos.

Dessa forma, pauta-se nas diretrizes que a ANDE- BRASIL determina, sendo nessas premissas, abordados: a análise patológica em quadros indicados e contraindicados a essa modalidade terapêutica, e nos benefícios físicos e psicológicos que a prática desenvolve. Enfim, o uso dessa modalidade terapêutica está diretamente ligado ao desenvolvimento corporal e mental do praticante.

De acordo com Lermontov ⁸:

“[...] a equoterapia é uma terapia que utiliza o cavalo como ferramenta de trabalho para estimular o desenvolvimento motor, emocional e social de pessoas especiais. Esses aspectos são trabalhados na busca da melhoria da qualidade de vida de seus praticantes.”

Ressalta-se ainda a importância do estudo das alterações elementares que constituem as patologias, bem como as consequências advindas delas. O método terapêutico caracteriza-se em um atendimento planejado em função de necessidades e potencialidades de cada praticante, tornando-se indispensável estabelecerem-se objetivos a serem atingidos.⁷

Dessa forma é imprescindível o conhecimento das singularidades dos processos patológicos que podem ser diagnosticados nos praticantes. Segundo Ferrari¹

“Cada portador de deficiência e/ou necessidades especiais possuem características peculiares quanto ao seu aspecto físico e psicológico, ao seu funcionamento e grau de independência. Por isso torna-se necessário programas específicos de acordo com a fase de seu atual processo de evolução. Apesar de toda equipe interdisciplinar atuar em conjunto, dependendo de cada programa, poderá haver ênfase na ação de determinada área profissional.”

Neste contexto, Bezerra⁹ aponta que o posicionamento do profissional na sessão de equoterapia varia de acordo com a área de atuação (educação, saúde, equitação), “Considerando que estes profissionais estão engajados em um mesmo fim, temos a grande possibilidade de acertos nas tomadas de decisões em função do planejamento e execução da terapia.” (p. 29). Entende-se que na elaboração desse planejamento, é considerado que cada praticante é

um ser único e precisa ser tratado como, ou seja, a subjetividade do sujeito deve ser priorizada, de maneira que as intervenções na terapia vão de acordo com a demanda do praticante, preocupando-se com a ética, respeitando os direitos humanos, o meio ambiente e os animais (cavalo).

Partindo-se deste pressuposto, a análise do cavalo é de grande importância no atendimento em equoterapia, pois a não consideração desta pode acarretar efeitos contraditórios aos pacientes terapeuticamente atendidos, alterando resultados esperados e até promovendo vivências não funcionais ao praticante.

Benefícios terapêuticos proporcionados pela equoterapia

A prática da Equoterapia caracteriza-se como estratégia terapêutica por obedecer a legislação brasileira das áreas relacionadas à saúde. O método técnico científico proporciona aos praticantes inúmeros benefícios para a saúde.¹⁰

Seguindo as diretrizes da Ande-Brasil¹¹, dentre os vários benefícios dessa terapia destacamos:

1. melhora do equilíbrio e da postura;
2. desenvolvimento da coordenação de movimentos entre tronco, membros e visão;
3. estímulo dos sentidos por meio do ambiente e pelos trabalhos com o cavalo;
4. promoção da organização e consciência do corpo;
5. desenvolvimento e estímulo da força muscular;
6. oferecimento de sensações de ritmo;
7. aumento da auto-estima, facilitando a integração social;
8. desenvolvimento da coordenação motora fina; estímulo do bom funcionamento dos órgãos internos;
9. reforço da capacidade sensitiva, motora e criativa;
10. informação sobre a rotina e o ambiente do cavalo.³

Através da análise dos benefícios deste recurso terapêutico, percebe-se que pode melhorar as relações sociais de crianças portadoras de necessidades especiais, principalmente em crianças diagnosticadas como autistas favorecendo uma melhor percepção do mundo externo e adequações nos ajustes tônico-posturais; para tanto, torna-se, então, necessária a apresentação de níveis realísticos, para que a satisfação e a autoconfiança sejam obtidas. Sendo assim, paciência e tato serão necessários para auxiliar um autista a eliminar medos, maneirismos e aprender a montar, conforme orientação de Freire.⁴

Enfim, segundo Freire⁴, o desenvolvimento da motricidade dos Autistas no Recurso Equoterápico

é altamente significativo e pode repercutir de forma imediata nos hábitos de independência, sugerindo a necessidade de um trabalho intensivo como forma de atingir também os aspectos afetivos, sociais e cognitivos, por este motivo deve-se encorajar o praticante a obter independência sobre o cavalo.

Segundo Grubbs¹³, o desenvolvimento emocional do praticante é favorecido devido à interação harmônica com o animal (cavalo), proporcionando a reabilitação no sentido de segurança, e uma adaptação emocional de modo geral. A terapia com cavalo também irá exercer um papel fundamental na estimulação aos órgãos de sentido; visual, auditiva e tátil, além de contribuir na musculatura e postura do praticante. Ao tratar de praticantes autistas, a equoterapia irá trabalhar suas dificuldades, na interação social/familiar e até mesmo na escola e dentro da sociedade que o indivíduo está inserido.

Mediante o estudo realizado, em conjunto teoria e prática, se observa os inúmeros benefícios terapêuticos que a prática da equoterapia proporciona aos praticantes, que além de trabalhar e beneficiá-los em aspectos físicos, sociais e psicológicos, oferece ainda uma orientação e ou assistência familiar. Prado¹ destaca alguns benefícios psicológicos importantes, no entanto pouco abordado; são eles: desenvolvimento no processo de individualização, desenvolvimento afetivo, noção de limite, autoconfiança, orientação espacial, respeito, entrosamento e ainda capacidade de perseverança e autonomia.

Pode-se dizer que a prática da equoterapia é favorável em vários quadros patológicos. Partindo das considerações de Prado¹, observa-se que o acompanhamento de uma praticante diagnosticada com autismo, na prática como acadêmica de psicologia no “Centro de Equoterapia”, tornou-se um fator motivacional para a elaboração da presente pesquisa, pois seu desenvolvimento nos aspectos fundamentais fica evidenciado neste tipo de intervenção terapêutica.

Benefícios da equoterapia do ponto de vista psicológico em praticantes autistas

De acordo com o DSM-IV (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM 2003*), o distúrbio autista ou o autismo pré-infantil é um distúrbio de desenvolvimento caracterizado pelo desenvolvimento anormal e/ou comprometido, que se manifesta em torno dos três anos de idade e geralmente está atrelado ao funcionamento alterado em três áreas: interação social, comunicação e comportamento repetitivo e restrito.

O Termo autismo, criado em 1907 por Eugen Bleuler, é uma síndrome com características de distúrbio que afeta o desenvolvimento, originário de uma lesão

encefálica, no entanto não se conhece detalhadamente a causa específica da patologia. Dependendo da gravidade que o autismo apresenta, pode ocorrer a disfunção em nível das capacidades físicas também, comprometendo a comunicação, a interação social, com anormalidades na maneira que se relaciona com objetos, eventos e pessoas.¹

Objetivando-se explorar experiências da prática e os aspectos fundamentais desse tipo de processo terapêutico com praticantes autistas observa-se que o autocontrole para a aproximação com o animal é o grande diferencial. Muitas vezes o praticante chega para a Equoterapia agitado, desconcentrado para realizar qualquer atividade que seja sugerida. O contato com o cavalo transforma este estado, modificando o comportamento inicial que o praticante apresenta.

Ao longo da prática como estagiária no centro de Equoterapia foi possível perceber que a delicadeza e a percepção são essenciais neste processo, o praticante entende que só poderá aproximar-se do cavalo quando estiver preparado e sensível, afinal o cavalo espelha-se em nossos comportamentos; ou seja, se o praticante estiver agitado, certamente, o cavalo ficará agitado o que impede o trabalho e aproximação, da mesma forma quando este apresentar-se calmo e disponível o cavalo estará dócil e receptível aos comandos o que favorece a realização do trabalho, dependendo da maneira que o praticante encontra-se naquele dia. Quando o praticante autista consegue sensibilizar-se a esses efeitos, partindo dele mesmo, é possível começar a prática no picadeiro.

De acordo com os estudos de Roberts, há possíveis semelhanças entre alguns comportamentos de autistas com atitudes do cavalo; nessas semelhanças destacamos: “Barulhos fortes, mudanças na rotina e ambientes desconhecidos causam insegurança, muitas das vezes a comunicação é estabelecida através da linguagem corporal.”¹⁴

Observa-se que o acesso aos praticantes autistas é desafiador, visto que a síndrome se caracteriza por alterações que podem vir a comprometer a interação social, o aspecto comportamental e a linguagem. O trabalho realizado com o praticante autista é bem mais delicado, podendo ser realizado num processo mais lento e cauteloso. O autista escolhe a pessoa com quem relaciona de maneira mais próxima, essa pessoa escolhida por ele (a) passa a ser considerada (o) sua referência e ele, muita vezes irá seguir as orientações desta e irá recorrer a ela quando sentir necessidade de algo.

Depois de estabelecida uma referência com algum membro da equipe, o praticante sente-se mais seguro ao aproximar-se do cavalo, essa aproximação pode ser estabelecida conforme o tempo do praticante. Segundo Freire⁴ os principais aspectos a serem observados no comportamento do autista em aproximação com cavalo, são:

“Percepção do outro, atenção (auditiva ou visual) focalizada em um membro da equipe, imitação, jogo social, tagarelar comunicativo, mímicas, linguagem falada, sorrisos como resposta, postura corporal ou gestos para começar ou modular interação, percepção relacionada ao mundo externo, reação de evitamento ao cavalo, estado de excitação, aversão ao contato físico, obediência a ordens simples, percepção, exploração e relacionamento com o animal, iniciativa própria e dispersão”⁴

Pode-se dizer que cada área de trabalho tem seu papel com o autista, sendo analisada a linha de conhecimento e abordagem, no entanto a psicologia é muito requisitada, visto que o manejo da clínica ampliada é o diferencial nos processos, e os efeitos que esse trabalho pode gerar são inúmeros, envolvendo o desenvolvimento perceptivo, caracterizado pelos sentidos auditivo e tátil, percepção espacial, conhecimento corporal, coordenação, linguagem, áreas emocionais e afetivas, a socialização, superação e o máximo de independência, esses são fatores que visam o bem-estar, desenvolvimento e crescimento do praticante dentro da abordagem da equoterapia e como meio externo de abordagem.

Partindo dos estudos realizados por Freire⁴ através da prática da equoterapia entende-se que o desenvolvimento das funções é significativo em praticantes autistas, podendo proporcionar independência, fortalecimento da autoestima, autoconhecimento, autocontrole; ou seja, os impactos sobre os praticantes autistas são inúmeros, trabalhando-se em aspectos afetivos, cognitivos e sociais.

Prática entre vários: trabalhando na abordagem multidisciplinar e interdisciplinar

A saúde vem ampliando e diversificando na criação de novos dispositivos que amparam os pacientes que necessitam de serviços voltados a reabilitação. A equoterapia é um projeto criado que vai ao encontro com da proposta da prática entre vários, integrando vários saberes, melhor dizendo os profissionais trabalham dentro da visão multidisciplinar e interdisciplinar.

No âmbito equoterápico trabalha-se o ser humano dentro de uma visão global do desenvolvimento, por isso é indispensável a prática entre vários, atuando dentro de uma equipe multidisciplinar e interdisciplinar integrada, formada por psicólogo, fisioterapeuta, enfermeiro, médico, pedagogo, médico veterinário, instrutor de equitação. Cada profissional tem um papel decisivo no tratamento do indivíduo e todas as especialidades precisam trabalhar em conjunto em prol da recuperação do praticante.

Essa multidisciplinaridade remete-se a vários

especialistas de áreas diferentes trabalhando em uma mesma equipe. Segundo Fossi e Guareschi¹⁵ uma equipe multidisciplinar deve construir uma relação entre profissionais, onde o paciente é visto como um todo, onde o atendimento é totalmente humanizado, onde o foco principal é a demanda da pessoa; a principal finalidade da equipe é atender necessidades globais do indivíduo, visando a sua saúde e bem-estar. Para que isso ocorra, é importante que haja vínculo entre os profissionais, é importante que aconteçam reuniões entre os variados profissionais da equipe multidisciplinar, destacando o reconhecimento do conjunto para tratar os aspectos e particularidades de cada paciente.

A interdisciplinaridade estabelece relação entre diferentes áreas de conhecimento. O grande diferencial dentro dessa abordagem de trabalho é a integração e colaboração de diferentes especialidades, voltadas a um fim comum. O principal objetivo é atender e cuidar do sujeito dentro de sua amplitude.

Segundo Maldonado e Canella¹⁶ entende-se que a saúde e bem-estar humano não é competência de um único profissional, visto que o indivíduo pode envolver diferentes fatores, o ideal é a prática interdisciplinar que envolve profissionais de diversas áreas, representantes de várias ciências, que devem agrega-se em uma única equipe, que apresentam objetivos comuns na construção de um conhecimento globalizante do sujeito.

A análise da equipe multidisciplinar e interdisciplinar sob o prisma da Equoterapia está voltada à construção de uma parceria de trabalho entre profissionais de diferentes áreas do conhecimento, tornando-se necessário que todos os membros da equipe conheçam as singularidades e o diagnóstico de cada praticante, a fim de facilitar a criação de um plano de tratamento adequado para cada sujeito. O respeito a particularidade de cada profissional dentro de sua área de conhecimento e a disponibilidade ao conhecimento do outro são os grandes diferenciais na criação de possíveis intervenções, visto que o bem-estar e o desenvolvimento do praticante precisam ser sempre o foco da equipe.

Família e a equoterapia: uma parceria de cuidado

Ao receber o paciente para o tratamento nos deparamos com a família/cuidador. Os profissionais da psicologia exercem um papel fundamental no acompanhamento dos praticantes e seus familiares no espaço equoterápico. Cada família reagirá de maneira diferente perante a patologia, já que as vivências são totalmente subjetivas, ou seja, uma experiência que é considerada desafiadora e assustadora para uma determinada família, para outra pode ser vista como

tranquila e aprazível.

O espaço da equoterapia proporciona um entrosamento entre os cuidadores, possibilitando uma troca de experiências. Partindo dessa interação/entrosamento é possível a percepção de que não são os únicos que enfrentam determinadas situações difíceis, que não estão sozinhos nesse processo ou, até mesmo, consideram que aquilo que o outro está enfrentando seja pior do que a situação que está vivendo. Passam a enxergar até que seus problemas são “pequenos” comparados aos de outras famílias, mas principalmente aprendem outros modos de cuidado. Essa aproximação e troca podem favorecer também o processo de elaboração tanto aos cuidadores como aos próprios praticantes.

Dentro desse acolhimento e acompanhamento é possível a construção de uma parceria de cuidado, essa parceria está associada ao papel da psicologia, englobando os cuidadores, praticantes e equipe. O principal objetivo é proporcionar um desenvolvimento no processo terapêutico, visando melhor qualidade de vida que segundo Kovács¹⁷:

“Quando se pensa em qualidade de vida, pensa-se em dignidade, em respeito à pessoa e controle sobre a própria vida. Segundo a Organização Mundial da Saúde, a qualidade de vida está ligada ao bem-estar, satisfação com as circunstâncias vitais, diminuição do sofrimento físico, psíquico, social e espiritual.”

Para que isso ocorra é essencial fornecer aos cuidadores uma escuta acolhedora. Quando se fornece um espaço a eles, possibilita-se que falem sobre suas questões, seus sofrimentos, satisfações, até mesmo os impactos do diagnóstico, no âmbito familiar.

A família, ao se deparar com uma criança com alguma deficiência, algo que fuja do que é dito “normal” pela sociedade, acabam por perder a “criança idealizada”, ou seja, sem qualquer tipo de patologia sendo ela grave ou não. Normalmente a família entra em estado de “choque” ao descobrir a doença e precisa reorganizar-se para lidar com algo novo, que antes não fazia parte da realidade dos mesmos. Essa descoberta pode passar por fases, onde inicialmente ocorre à negação da doença, depois de passar por um processo ocorre a aceitação e, conseqüentemente, a busca por meios que possibilitem o desenvolvimento e o bem-estar do paciente.¹⁸

É importante lembrar que a família é o primeiro grupo social no qual a criança é inserida; é a partir dela que ocorre a constituição do sujeito. É comum que as famílias (pais, cuidadores, etc.) ao receberem a criança diagnosticada com alguma patologia acabem gerando inúmeros comportamentos, como: superproteção, medo, insegurança, devido à dificuldade de lidar com a “diferença” ou até mesmo com a falta de conhecimento a respeito daquela patologia. Questões como essas apareceram no ambiente da equoterapia e precisam ser

acolhidas e acompanhadas pela equipe.

Enfatiza-se a valorização familiar no processo, visto que as famílias são responsáveis pela formação da identidade da criança, respeitando e entendendo a dinâmica e a diversidade no contexto social que a criança está inserida. Explica a teoria Walloniana:

“A criança é compreendida como um ser social, que por meio das relações que estabelece com as pessoas, com os objetivos, com o espaço e com o tempo, gradativamente, vai diferenciando-se do outro, constituindo-se como sujeito e construindo sua identidade. Portanto, é por meio da interação que se dá a construção do eu, que é condição fundamental para a construção do conhecimento.”¹⁹

Assim como as experiências parentais são importantes no desenvolvimento da criança, o conhecimento dos pais acerca do desenvolvimento do filho é essencial, pois eles passam a compreender a importância dos tratamentos realizados, auxiliando os profissionais com informações, orientações que perpassam as atividades cotidianas, tudo em prol do desenvolvimento. Essa troca entre os profissionais e a família é fundamental em todo o processo terapêutico.²⁰

O fato dos pais acompanharem o filho na equoterapia pode ser prazeroso e satisfatório, pois os mesmos passam a acreditar no potencial de superação dos filhos e esse sentimento é levado para fora do espaço equoterapia. Já os praticantes, ao verem seus pais orgulhosos e satisfeitos, buscam sempre surpreendê-los dando o melhor e vencendo limitações que a patologia cria, o que torna a prática uma constante troca.²¹

Desafios da equoterapia: em foco o papel do psicólogo no processo

A psicologia exerce um papel fundamental na prática da equoterapia, com praticantes e cuidadores, ela também está associada a proporcionar um melhor entrosamento na equipe e aproximar o conhecimento particular de cada especialidade.

Tonetto e Gomes²² nos esclarecem que o papel do psicólogo favorece a prática de multidisciplinaridade, dentro da equipe ele irá defender suas ideias e buscar interação com os outros membros e os diferentes saberes essa interação possibilita uma visão integrada da relação mente e corpo do paciente.

Destaca-se a consideração de Kovács¹ que nos permite entender o papel do psicólogo com pacientes com necessidades especiais:

“O profissional deve ter bom preparo técnico e psicológico para lidar com este tipo de paciente e com seus familiares, sabendo transmitir informações sobre o desenvolvimento de seu filho, mantendo uma postura profissional com perspectivas humanistas. Portanto, a figura do psicólogo é indispensável para auxiliar e acolher a equipe com a qual trabalha.”

As intervenções profissionais da psicologia na equoterapia são fundamentais no processo, transpondo barreiras inimagináveis. Na busca da compreensão do comportamento humano, a psicologia trabalha também na promoção de saúde, auxiliando na habilitação/reabilitação dos praticantes e enfrentando desafios presentes na prática. São trabalhados pontos fundamentais para que o desenvolvimento de pacientes diagnosticados com alguma patologia aconteça, levando em conta a subjetividade daquele paciente em questão. O psicólogo realizará intervenções voltadas para a autoconfiança, o equilíbrio, a concentração, aquisição de autonomia do praticante, o desenvolvimento afetivo, a construção de um vínculo com a equipe, o desenvolvimento psicomotor, a estimulação da linguagem falada e corporal, a confiança, a melhor socialização, a possível construção de um espaço para o praticante e para os responsáveis, visando a reinserção daquele indivíduo. Os benefícios da equoterapia na vida dos praticantes são inúmeros. Um corpo saudável só é possível com a mente saudável e a psicologia tem a missão de tornar isso possível juntamente com outros profissionais no espaço equoterápico.

A comunicação perpassa a linguagem oral (da fala), sendo analisado todo comportamento, que pode ser através do corpo, sinais e evidências. O sujeito trará situações, vivências, dificuldades e a maneira com que o indivíduo se expressar naquele momento deve respeitar o seu tempo. Considera-se, ainda, que os praticantes que apresentam linguagem comprometida serão um desafio, afinal a sensibilidade e a capacidade de percepção do psicólogo serão fundamentais nesse processo. Para tanto, o brincar é um meio usado que ajuda na elaboração de aspectos emocionais e conflitos.

Neste contexto, é possível que a formação de uma triangulação (praticante- cavalo-pais) seja de suma importância para o desenvolvimento do paciente/praticante, onde o cavalo entra como mediador da terapia, os pais como facilitadores e os praticantes são os principais agentes do processo de tratamento. Além disso, o grande desafio consiste na disponibilidade para descobrir novas capacidades do praticante, visualizá-lo não somente com a patologia que nele se encontra, ou limitações, mas principalmente como indivíduo em potencial para possíveis desenvolvimentos que a prática fornece.

O espaço da equoterapia requer um trabalho extenso da psicologia, visto que a atuação inicia-se dentro de uma conjuntura de tarefas, ou seja, uma combinação de variedades de trabalhos, onde leva-se em consideração todo o contexto que está inserido (equipe, cuidadores e praticantes), partindo da avaliação inicial com os pais e pacientes e estendendo-se até o acompanhamento com a família e interação de conhecimentos diferentes, nesta interação é fornecido

apoio e suporte à equipe multidisciplinar, que torna a prática desafiadora. A saída da clínica comum, para a visão da clínica ampliada, que trabalha além do consultório, vem acrescentando inúmeros benefícios a todos os envolvidos. O resultado de um trabalho realizado com excelência estima-se melhorar a autoconfiança, autonomia, socialização, independência, orientação espacial e/ou corporal, desenvolvimento afetivo e/ou cognitivos, responsabilidade, autoconhecimento e crescimento, entre outros.

Segundo Tótar²³, um dos objetivos principais do psicólogo é:

“Orientar e acompanhar os praticantes e seus familiares, utilizando de instrumentos lúdicos como jogos, brincadeiras, transposições de situações, históricas, diálogos e outros, ajudando na elaboração de determinados aspectos emocionais, conflitos e situações”

Considerações finais

Mediante a pesquisa apresentada, observamos que a função da equoterapia como método terapêutico vai ao encontro da reabilitação e promoção de saúde dos praticantes. Seu desenvolvimento tem sido significativo em todo território mundial, em destaque no território Brasileiro. O trabalho visa o indivíduo de forma global do seu desenvolvimento, ou seja, o indivíduo em todos os aspectos, sendo eles físico, social ou psicológico; dessa forma, torna-se indispensável o trabalho de uma equipe multidisciplinar e interdisciplinar, já que cada área de conhecimento e cada profissional irá atuar de forma singular no processo de tratamento do praticante.

Acrescenta-se, ainda, os inúmeros benefícios psicológicos proporcionados pela prática, dentre estes socialização, confiança, melhor entrosamento com o meio, orientação de tempo e espaço, autoestima, autoconhecimento, entre outros. Sem contar o papel importante desenvolvido dentro da equipe, e no acompanhamento e apoio familiar.

Em virtude dos fatos mencionados entendemos que dentro da equipe o trabalho do psicólogo vem se aprimorando com o uso de novos recursos terapêuticos. O que antes definia o papel do psicólogo, a clínica restrita ao senso comum, melhor dizendo, a clínica dentro dos consultórios convencionais, na atualidade amplia-se, dando espaço a clínica extramuros que possibilita ao psicólogo trabalhar além das quatro paredes. O que vem ao encontro da escolha do tema do trabalho “O Papel do Psicólogo na Equoterapia: Uma Clínica ExtraMuros”.

Ao pensarmos no lugar do psicólogo no campo da equoterapia, nos direcionamos também ao campo da saúde mental, os quadros clínicos abrangentes nessa modalidade demandam uma interação com o meio social e exploração espacial, o que o analista em seu

consultório não seria capaz de explorar.

Dessa forma, a atuação do psicólogo no espaço da equoterapia não pode reduzir-se à pura e simples atuação dentro de um consultório privado. O trabalho vai muito além da clínica comumente conhecida, é uma prática construída cotidianamente “entre vários”.

Referências

1. Ferrari JP. A prática do psicólogo na equoterapia, São Paulo: 2003. [acesso em 10 de maio 2017]. Disponível em: <http://www.sld.cu/galerias/pdf/sitios/rehabilitacion-equino/psicologia.pdf>.
2. Leitão LG. Sobre aequitação terapêutica: uma abordagem crítica. *Análise Psicológica*, 1(XXVII), 81-100; 2008.
3. Cirillo, L.C.C. Apresentação da Ande-Brasil / Fundamentos da Equoterapia. Apostila e pós graduação em Equoterapia, Maringá; 2005.
4. Freire HB. Equoterapia: Teoria e técnica, uma experiência com crianças autistas. São Paulo: Vetor; 1999.
5. Associação Nacional De Equoterapia. Equoterapia ANDE-BRASIL. Brasília, 2005. [Acesso em: 19 maio 2016]. Disponível em: <http://www.equoterapia.org.br/>.
6. Ande-Brasil. Equoterapia. [acesso em: 19 maio 2016]. Disponível em: <http://www.equoterapia.org.br/>.
7. Associação Nacional De Equoterapia. Equoterapia: ANDE. O que é?. Brasília. 1999. [acesso em: 04 jan 2017]. Disponível em: http://www.equoterapia.com.br/o_que_e_definicao.php. 7
8. Lermontov T. A psicomotricidade na equoterapia. Aparecida: Idéias e Letras, 2004. In: Schelbauer, R.C; Pereira.A.P. Os Efeitos da Equoterapia Como Recurso Terapêutico Associado com a Psicomotricidade em Pacientes Portadores de Síndrome de Down. *Saúde Meio Ambient*. 2012. v. 1, n. 1, jun. [acesso 09 de março 2017]. Disponível em: <http://www.periodicos.unc.br/index.php/sma/article/view/223/266>.
9. Bezerra ML. Equoterapia – tratamento terapêutico na reabilitação de pessoas com necessidades especiais. Fanor, Fortaleza: Faculdade do Nordeste; 2011.
10. Silva JP, Aguiar O. X. Equoterapia em crianças com necessidades especiais. *Revista Científica Eletrônica de Psicologia*. São Paulo: ISSN: 1806-0625, Ano VI, Número 11. Periódicos Semestral, Novembro, 2008. [acesso 10 de abril 2017]. Disponível em: <http://patasterapeutas.org/wp-content/uploads/2015/07/Equoterapia-com-criana%CC%81as-com-necessidades-especiais.pdf>.
11. Associação Nacional de Desenvolvimento da Equoterapia. (ANDE-BRASIL). Apostila, Brasília: DF; 2000.
12. Freire BA, Bastos A. Paradoxos em torno da Clínica com Crianças Autistas e Psicóticas: Uma Experiência com a “Prática entre Vários”. *Estilos da Clínica*, Vol. IX, n. 17, 84-93; 2004.
13. Barros RR, Sem standart, mas não sem principio. In: Harari A, Cardenas M H, Fruger F. (Orgs). Os usos da psicanálise: primeiro encontro americano do Campo Freudiano. Rio de Janeiro: p. 39-48; 2003.
14. Roberts M. Violência não é a resposta: Usando a sabedoria gentil dos horses para enriquecer nossas relações em casa e no trabalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2002.
15. Fossi LB, Guareschi NMF. A psicologia hospitalar e as equipes multidisciplinares. Rio de Janeiro: Rev. SBPH, 2004, jun. v. 7, n. 1.
16. Maldonado MT, Canella P. Recursos de Relacionamento para Profissionais de saúde: a boa comunicação com clientes e seus familiares em consultórios, ambulatórios e hospitais. Ribeirão Preto, SP: Editora Novo Conceito; 2009.
17. Kovács ML. Deficiência Adquirida e Qualidade de Vida – Possibilidades de Intervenção Psicológica. In: MASINI, E. A. F. S. [et al]. *Deficiência: Alternativas de Intervenção*. São Paulo: 2ª ed. Casa do Psicólogo, p. 95- 125; 1997.
18. Fiamengh AG, Messa AA. Pais, Filhos e Deficiência: Estudo Sobre as Relações Familiares. *Psicologia ciência e profissão*, 2007. p. 236-245.
19. Wallon HA. *Evolução psicológica da criança*. Lisboa: Edições 70, (p. 70-89); 1968.
20. Perri HD, Perondi GAC. Vivência de Pais – Um Instrumento Mediador Entre a Família e os Recursos Utilizados Neste Método Terapêutico. *Coletânea XII Congresso Internacional de Equoterapia*. p. 427-432. Brasília; 2006.
21. Medeiros M, Dias E. *Equoterapia Bases & Fundamentos*. 1ed. Rio de Janeiro: Revinter; 2002.
22. Tonetto AM, Gomes WB. Competências e habilidades necessárias à prática psicológica hospitalar. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 2007.v. 59, n. 1.
23. Tótar P. O Papel do Psicólogo na Equoterapia. In: *Apostila da Associação Nacional de Equoterapia*; 2000.